**EDUCAÇÃO O DELÍRIO DO SÉCULO XXI**

Gerdevane Silva de Jesus

**RESUMO:** Cada idade e cada época possui seu diferencial que pode ser identificado no modo como as pessoas agem e pensam. Este artigo, tem por finalidade analisar quais fatores contribuíram para que a educação do século XXI tratasse o educando como um objeto e não como uma pessoa que possui potencialidades e sentimentos. Dessa maneira, veremos também que quando a educação se torna objeto de ideologia a sociedade entra em decadência moral e política. Assim buscar-se-á expor as consequências desse tipo de educação na vida das pessoas na sociedade.

**Palavras-chave**: Educação. Objetificação. Delírio.

**CONSIDERAÇÕES INCIAIS**

Cada idade possui sua marca de identificação que a diferencia das demais, seja descrevendo as características de seu tempo, ou seja, por algum fato que aconteça que venha identificá-la como tal, como por exemplo a “idade do ouro”. Talvez daqui a trezentos anos os historiadores descrevam nossa época como a “idade da banalização” ou “idade da objetificação do ser humano”. Certamente podemos descrever nossa idade como a idade do relativismo. Idade essa que fez da pessoa humana com todos os seus atributos um objeto identificável. Ficamos de certo sentido banais nesse processo e com isso, esquecemos o sentido da existência.

O relativismo não só entrou na vida das pessoas como também em suas condutas e escolhas existências como por exemplos escolhas morais, políticas e educacionais. O relativismo tem como objetivo não apenas converter princípios éticos e políticos em vivências efêmeras e líquidas, transformando também a pessoa em objeto descartável, mas, tem como característica desestruturar as instituições que são os sustentáculos da sociedade como por exemplo a instituição escolar. Com tudo isso o que possuída de mais sólido, fixo e eterno com essa nova concepção se transformou em solúvel, fugaz e passageiro. Nas palavras de Ayllión “o relativismo converte a ética sólida em ética líquida, por que pretende a hierarquia subjetiva de todos os motivos, a negação de qualquer supremacia real. Abre assim a porta do “tudo é válido” por aí sempre poderá entrar o mais desatinado irracionalismo”. (2011, p.43). É com essa concepção que a partir de alguns anos a educação de modo geral vem caminha dia após dia para seu objetivo. Objetivo esse que se perguntado a qualquer educando de nossas escolas ou universidades eles não saberão responder, talvez por que tenham perdido o sentido de sua própria vida há muito tempo e outra por que já tenha esquecido o sentido do próprio aprender. O poeta Campoamor em um poema nos diz “pois neste mundo traidor, nada é verdadeiro nem mentira, tudo é de acordo com a cor do vidro pelo qual se mira”[[1]](#footnote-1).

A educação foi a que mais sofreu com essa nova visão de sociedade. A educação como muito se houve é a baliza que intermedia o ser humano e sociedade, e é só a partir dela que o ser humano conseguirá ser de fato uma pessoa integrada com a realidade, ou seja, é a partir da educação e tão somente dela que a pessoa conseguirá transcender a si própria para se tornar uma pessoa melhor. Dessa maneira, Kant nos diz “somente a educação por meio da disciplina e instrução possibilita o sujeito orientar suas ações em uma pedagogia que aponta para a liberdade” (1996, p.99). A educação nessa perspectiva a qual está inserida numa lógica que possibilita com que o educando desenvolva suas capacidades, seja elas afetiva, intelectual e social, também tem o papel de mostrar para o educando que suas ações precisam ser assumidas com responsabilidade.

Kant se refere a educação como a única que pode tirar o homem de sua animalidade e só através dela a pessoa poderá se tornar uma pessoa sociável e assim entrar em uma dinâmica dialógica com as demais pessoas. A educação, portanto, é de fato o intermédio entre ser-em-si e ser-para-outro. Nas palavras do próprio autor “o homem é a única criatura que precisa ser educado” e que “o homem não pode se tornar um verdadeiro homem senão pela educação, ele é aquilo que a educação faz dele” (1996, p.18). Diante, dessa concepção que o autor nos fornece, o ser humano é aquilo que a educação faz dele, podemos indagar o que aconteceu para que a moral, a política e principalmente a educação perdesse seu valor e sua importância na vida das pessoas nesses últimos anos.

Diante dessa configuração nosso trabalho irá se delinear com a intenção de descrever alguns fatores que contribuíram para que a educação deixasse de ser um elemento que liberta e humaniza para se tornar uma prática alienante como está acontecendo no século XXI.

**ESCLARECIMANTO HISTÓRICO DO DELÍRIO NA EDUCAÇÃO**

Sabemos que os problemas sociais é uma questão eminentemente educacional. Em termos de historicidade-filosófica, percebemos que desde Descartes, com sua teorização dualista o racionalismo predomina, nos textos de ensino-aprendizagem em vários âmbitos do nosso viver. Essa visão cartesiana considera que somente a razão é o único caminha seguro para se chegar ao conhecimento verdadeiro. Para, Descartes tudo que provem dos sentidos por meio das sensações, são conteúdos vazios e falhos que não contém nenhum elemento verídico. Essa visão, de que somente a razão é formuladora do conhecimento chegou a sua plenitude quando Kant afirmara que a “maioridade é a capacidade de se servir do próprio entendimento sem orientação de outrem [...] significa saber ouvir a voz do próprio entendimento e de se servir do teu próprio entendimento” (2005, p.12). Se servir do próprio entendimento é uma comprovação de que o ser humano é o divisor de água, ou seja, é a afirmação de que o conhecimento só pode ser considerado verdadeiro se passar pelo crível da racionalidade, ao contrário dessa condição nada poderá ser aceito como conhecimento.

É de suma importância que lembremos que nesse mesmo período a ciência estava dando seus primeiros passos como um “novo caminho” para se chegar a verdade. O período denominado de decadência da filosofia perene “escolástica” do século XVII veio em consequência dos pensadores que deturparam inteiramente as orientações mais acertadas que Agostinho e Tomás realizaram com o helenismo. Para Norberto Keppe os culpados por levar a sociedade ocidental ao desvario de entendimento foram Roger Bacon, Boaventura, Duns Scot e principalmente William of Ockam, os quais no dizer do filósofo se voltaram escrupulosamente para o “método” indutivo experimental introduzindo nas universidades que estavam se formando. Segundo Norberto Keppe, esses filósofos levados por essa ideia de criar uma verdade definitiva, deram vida a ilusão e ao delírio quando incentivaram que o pensamento científico estava acima de qualquer outra forma de conhecimento. Nas palavras de Norberto Keppe “foi a entronização do homem para ser adorado no altar do novo templo positivista” (1999, p.92).

Diante dessa concepção, podemos concordar com Saltini quando falou que:

O homem seguiu o racionalismo até um ponto em que o racionalismo se transformou em completo irracionalismo[...] desde Descartes, o homem vem separando sempre o pensamento do afeto, pela própria natureza irracional, a pessoa, eu, foi decomposta num intelecto que constitui o meu ser, e que devo controlar-me a mim como devo controlar a natureza. O domínio da natureza pelo intelecto e a produção de mais e mais coisas tornaram-se as metas supremas da vida. Nesse processo o homem se converteu numa coisa e o ser deu lugar para o haver. (2008, p.11)

Com essas interrogações e afirmações percebemos que Saltini descreve acertadamente que nem racionalismo e nem a ciência com todo o seu cabedal teórico não foram capazes de resolver os problemas de convívio social e existencial do ser humano. O mais negativo de tudo isso foi a ideia que se criou envolto da ideia de que a ciência positiva traria a resolução para todos os problemas humanos. Se por um lado o racionalismo supervalorizou a razão como única medida para o conhecimento, por outro lado, a ciência experimental tratou de decretar sua norma, ou seja, para o conhecimento ser admitido deve ser aplicado para que tenha resultados substanciais. As teorias educacionais desse período ficaram dividida entre essas duas linhas de pensamento, ora voltada para dar suporte às teorias científicas ora voltadas para dar base as ideias que pudessem alcançar uma verdade universal.

É inquestionável que nesse processo essas teorias educativas não tenham ajudado a sociedades a dar passos significativos no que diz respeito ao ensino-aprendizagem, aja visto que nunca se viu em toda a história da humanidade o ser humano tão livre para criar e inventar novos meios como nesse período. Porém, se o ensino-aprendizagem deu passos significativos, também foi com esses avanços que veio o maior mau da educação, que foi conceber o educando como um objeto sem desejo e sem vontade própria.

Wilhelm Wundt (1832-1920) em sua obra “Elemento de psicologia fisiológica” expõe que “nada se passa em nossa consciência que não encontre o seu fundamento sensorial em processo físicos determinados” (1886, p.165). Essa visão de que se pode tirar conclusões psíquicas através dos fenômenos físicos foi a maior comprovação de que a educação estava caminhando para a finitude, por que dizer que se consegue avaliar as ações humanas pelo que é manifestado a ele é dizer que o ser humana não tem vontade própria para construir sua própria história e isso é um absurdo para a inteligência humana.

A Ciência experimental foi tão cultuada como um novo caminho que no século XIX lançou o último ataque para se confirmar como salvadora da humanidade. A teoria do “Condicionamento Clássico” criada pelo russo Ian Pavlov não foi nada mais do que a vontade de afirmar que o ser humano pode ser moldado e lapidado como qualquer outro animal que existe. Com isso estavam dando as primeiras machadadas para decretar a morte da educação, como forma de emancipação e humanização do educando. Por que dizer que o ser humano é fruto de estímulos é dizer que chegamos a mais completa demência.

Pavlov que durante um estudo com cães descobriu que os reflexos de saliva poderiam ser provocados por estímulos. Desse modo, o conhecimento intelectual dos educandos pode ser intensificado através de estímulos positivos ou negativos. Segundo Vila o “condicionamento clássico está presente em muitos aspectos da vida quotidiana [...] as sensações internas e os impulsos são resultados deste condicionamento” (2008, p.8). Dessa forma, continua Vila “o homem passou a ser estudado como resultado de um processo de aprendizagem que se inicia no nascimento e perdura por toda a vida” (2008, p. 10).

Essa concepção surgiu na educação a partir do momento que consideraram a técnica como saber dogmático que possibilitava o controle não só das coisas matérias, como também da própria pessoa humana. Segundo Cambraia e Fensterseifer “com essa concepção de educação, estaríamos sempre procurando aprender o que é útil e atual para o mercado para nos tornamos mais habilidosos” (2004, p.22). Olhando para essa concepção a educação deixa de ser um elemento que instrui para o florescimento das potencialidades do educando para se tornar uma prática vazia e alienante. Heidegger afirma que “este querer dominar torna-se tanto mais urgente quando a técnica ameaça escapar do controle do homem” (2012, p.12).

**AS IMPLICAÇÕES SOCIAIS NA EDUCAÇÃO**

Ao longo de mais de meio século, a educação perdeu sua hegemonia como elemento de promoção do homem. Isso significa que a educação perdeu a possibilidade de ampliar na pessoa o caráter pessoal e comunitário que satisfaça a situação a qual se encontra. Ou seja, significa tornar o educando cada vez mais incapaz de reconhecer os fatores da situação da qual vive. Em contrapartida a essa visão, Saviani afirma que “a educação tem por finalidade a ampliação da liberdade, da comunicação e da colaboração entre os homens” (1980, p.156).

Percebemos que nesta avaliação do papel da educação pelo menos é o que se percebe nos últimos tempos foi que fizeram da educação um “ato político” dedicada a conscientizar e mobilizar consideráveis setores populares. Segundo Semeraro em seu livro “Filosofia e Política” esse fenômeno de reciprocidade entre educação e política é um avanço muito importante para a sociedade. Porém, o que Semeraro percebeu que essa educação política estava buscando criar uma consciência militante que viesse defender os objetivos de determinados partidos políticos. Assim, escreve Semeraro “um número considerável de educadores-militantes, provenientes dessas atividades instituidora de sujeito tem fornecido quadro para movimentos populares” (2004, p.58). No entanto, temos exemplo na história do pensamento que a partir do momento que a educação passa a defender esse ou aquele partido a sociedade sofre com a violência e as guerras civis.

Outro, fato marcante e que merece ser lembrado é que dificilmente as propostas político-pedagógicas alternativas que são defendidas com unhas e dentes por esses partidos dificilmente represente de fato uma melhoria na educação. A maioria das vezes quando algum partido chega ao poder o modelo de educação tão defendido não supre as necessidades do educando para torná-lo um ser autônomo. Semeraro refletindo sobre isso percebeu que essa incoerência das ideias e das práticas desses projetos não consegue de fato ser implementado na educação por que não passam de imaginativo e fantasioso.

Diante, dessa visão podemos nos perguntar se o mundo imaginado para educação é compatível com a realidade que o governo se encontra? Ou se muitas dessas ideias não passam de paradigmática e epidérmica? Olhando nessa perspectiva Semeraro nos diz que “com o tempo o realismo político e a governabilidade obrigam a compromissos e levam às conclusões de que afinal o diabo não é como se pintava” (2004, p.59).

Além, da insuficiência da implementação dos projetos pedagógicos algo que contribuiu demasiadamente para que não se implementasse esses projetos foi o aparecimento do capitalismo na educação. Agora a educação não tem mais a finalidade de alertar e conscientizar os educandos para uma atitude de rebeldia frente ao “autoritarismo” e a repressão dos países supostamente desenvolvidos, mas tem de fornecer e orientar os educandos para que esses se formem para o mercado de trabalho.

Olhando nessa perspectiva Semeraro nos diz “diante da invisibilidade e da difusão do poder do capital, a figura do intelectual político popular foi vinculada a grupos terrestres e reinvindicações sociais concretas aparecem obsoletas, não apenas pela revolução tecnológica, mas também pela dissolução de sujeitos coletivos” (2004, p.64). O aparecimento do capitalismo na educação não apenas dissociou as relações coletivas entre sujeitos, mas transformou a própria esfera da vida humana em imagem fugaz e passageira.

Esse tipo de educação não tem rosto e nem sentimentos não está preocupada com a integralidade do educando e muito menos com a liberdade que é característica de cada pessoa, mas está interessada em fornecer para a sociedade um produto que seja eficaz e prático no que desenvolve.

**CONSEQUÊNCIAS EPISTEMOLÓGICAS NA EDUCAÇÃO**

Entre outros problemas, a crise da educação é uma questão epistemológica, que se estabeleceu na estrutura do pensamento com a emergência do capitalismo selvagem e do cientificismo causticante na sociedade. A preponderância do capitalismo e da ciência experimental na vida das pessoas transformou radicalmente o modo de pensar e de ensinar. Se antes pensava-se em preparar o educando para ser um bom cidadão que se reivindica seus direitos de pessoa livre e igual perante a lei. Hoje, para Semeraro o trabalho desempenhado nas escolas e universidades é informático-mental, que pretende deletar toda e qualquer “convicção de princípio, universalidade, totalidade para substituir pela ideia de incerteza, pelo pensamento fraco, pelo gosto particular e o narcisismo privado” (2004, p.64)

Diante, do bombardeio que surge por todos os lados, a figura do intelectual foi gradativamente perdendo espaço para as novas categorias de intelectuais que são disseminados pelas redes sociais como salvação da humanidade, esses novos protótipos são chamados carinhosamente de “malabaristas da palavra”. Para Semeraro o “intelectual clássico, culto da razão e da cosmovisão, da paciência histórica e da pedagogia, da política popular é suplantado “pela inteligência emocional” pela fruição estética, pelos recursos intelectuais” (2004, p.66). Assim tragicamente a impotência intelectual é uma marca característica dessa nova figura que surge como criador da sociedade.

Assim, temos hoje intelectuais midiáticos que sem saber o que pensam e ensinam vão dia após dia se conformando com a natureza do mercado, dos fluxos das mercadorias, e da comunicação e continuam a perpetuar a ideia de que o que não for útil para o mercado não tem valor para a vida e assim não tem por que fazer parte do ciclo de aprendizagem do educando. Estaríamos assistindo a decadência da educação por meio dos intelectuais, que de criadores de novas ideias e pensamentos passam a divulgadores e propagadores da efemeridade e da fugacidade do conhecimento. Nessa perspectiva, Teles diz que “o enaltecimento desse modelo faz com que a democracia seja identificada com o mercado, a cidadania com o consumismo e a política avaliada pelos critérios da publicidade e da venda da imagem” (2014, p.67).

O melhor é que as pessoas não pensam para buscarem o diferente e o contrário pois buscando, eles interfeririam na máquina volante que o sistema impõem na vida das pessoas como verdade absoluta. Segundo Teles, nossa educação há muito tempo deixou de pregar a inovação e a inventividade em detrimento do saber vazio e sem valor existencial. Nas próprias palavras da autora “essa educação está excessivamente preocupada em transmitir somente saber vazio e exigir que os alunos o “vomitem”, não fomenta homens brilhantes, de criatividade, inventividade, da improvisação e coragem” (2014, p.46). Na verdade, quando a educação pós-moderna incentiva o educando a buscar o novo, na, verdade esse incentivo não deixar de levar o educando à domesticação e a mediocridade.

Diante dessa perspectiva, Teles continua que “ela, como uma máquina de reprodução do sistema, joga no mercado, a cada ano turmas e turmas de jovens profissionais sem espírito crítico, sem autenticidade, criatividade, inventividade ou imaginação [...] profissionais que em sua grande maioria, quando muitos sabem, apenas exercer, de forma medíocre e limitada sua ação em determinada área” (2014, p.47).

Estamos presenciando a educação caminhar paulatinamente para o matadouro para ser crucificada e nós nada fazemos para mudar essa realidade tão degradante a qual ela se encontra. A grande maioria segue prontos e alegres para dar o golpe fatal e assim acabar de vez com todo e qualquer modo de pensar. Esses indivíduos haverão de desconhecer o sentido do amor incondicional e da fraternidade. Estarão submersos em uma lógica que não reconhecerão nenhuma atitude de mudança e de livre escolha por que perderam o sentido da liberdade.

Viver diferente nessa perspectiva é ir contra a verdade e ao sagrado, quando na verdade esses que militam por uma nova maneira de viver não estão buscando nada mais do que uma forma de sair de convicções neuróticas e robotizadas vigentes na sociedade. Para Teles, é uma “extrema injustiça que a educação incapaz de formar seres pensantes e transmitir uma bagagem instrumental básica, ainda deforme a personalidade de nossos educandos” (2014, p.48).

O que está acontecendo conosco? Esquecemos da sensibilidade e do sentido da educação? É possível ainda falar em uma educação que possibilite a liberdade? Essas são perguntas que merece meditação e reflexão por parte de nossas autoridades que organizam a estrutura educacional de nossa sociedade. Portanto, no dizer de Heidegger “é preciso espantar-se diante do simples e assumir esse espanto como moradia” (2012, p.229). Talvez essa volta para o simples e para o descomplicado possa ser a resposta para uma nova forma de educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegada a essa altura podemos considerar que a educação vive um momento de instabilidade do próprio sentido do ser da educação. Não existe mais aquém pedir socorro, não existe mais um modelo que si afirme que esse trará um melhoramento do ser humano e que seja referência para se chegar a uma educação integral da pessoa.

A educação passa por um momento histórico de dinamicidade e volatilidade que acaba surtindo efeito no próprio existir dos estudantes, e assim se manifesta nas relações interpessoais que cada pessoa desempenha na sociedade. Esse movimento e essa transformação que estamos presenciamos na educação não apresenta muitas vezes nenhuma melhoria do modo de ensinar e aprender dos educandos, mas fortifica a cada dia um modelo opressor e dependente dos educandos para com o modelo vigente que está sendo praticado em nossas escolas e universidades.

É necessário que haja um compromisso e colaboração de todos para encontrar uma forma educativa que não seja uma prática abstrata e falaciosa como estamos presenciando em nossas instituições de ensino, que muitas vezes não passa de um ensino camuflado. O professor finge que ensina e o educando finge que aprende.

Portanto, faz necessário que esse educar venha surtir efeitos práticos e efetivos na vida do educando. Dessa maneira, a educação deverá proporcionar ao educando um esclarecimento e uma maturidade nas suas próprias escolhas e atividades existenciais do dia a dia.

REFERÊNCIAS

AYLLÓN, J. R. *Mitologias modernas*. Tradução de Emérico da Gama. São Paulo: Quadrante, 2011.

CAMBRAIA, C. A. FENSTERSEIFER, E. P. *As tecnologias digitais na educação à luz da questão da técnica em Heidegger*. Revista Linhas. Petrópolis, SP. 2014.

HEIDEGGER, M. *Ensaios e Conferências*. Traduzido por: Emmanuel Carneiro Leão, Gilson Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. 8.ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012.

KANT, Imamnuel. ***Resposta à pergunta: Que é*** esclarecimento**?** Textos Seletos. Tradução Floriano de Sousa Fernandes. 3 ed. Editora Vozes: Petrópolis, RJ. 2005.

­­­\_\_\_\_\_\_\_\_. *Sobre a Pedagogia*. Trad Francisco Cock Fontanella. Piracicaba: Editora Unimep; 1996.

KEPPE, R. Norberto. *O homem universal*. São Paulo, SP: Proton, 1999.

SALTINI, Cláudio J. P. *Afetividade e inteligência*. 5º ed.- Rio de Janeiro: Wak Ed.,2008.

SAVIANI, D. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1980.

SEMERARO, G*. Filosofia e política na formação do educar* / Giovanni Semeraro, (org).-Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2004.

TELES, M.L.S. *Pedagogia da Transgressão*: um novo olhar sobre a educação/ Maria Luiza Silveira Teles. São Paulo, SP: Editora e Letras, 2014.

VILA, C. DIOGO, S. VIEIRA, A. *Aprendizagem. Revista Psicólogo*, São Paulo, SP. 2008.

WUNDT, W. *Elementos de psicologia fisiológica*. Paris. Felix Alcan Editeur, 1886.

1. Ramón de Campoamor y Campoosorio (1817-1901) poeta espanhol . O original dos versos citados é: *“y es que em el mundo traidor/ nada es verdad ni es mentira/ todo es según el color/ del cristal con que se mira”.* [↑](#footnote-ref-1)